

EUCALIPTOS: A PANDEMIA LATENTE

Sebastião Pinheiro

Políticos defendem seus interesses *particulares*, atendendo alienados e empresários¹; Desonestos atacam Ativistas, por seus fins *inconfessáveis*; Ingênuos, são usados pela mídia, para o pêndulo de pressão. Todos convalidam o império da Indústria de Alimentos Transnacional, que engloba estrategicamente o *pobre arbusto gigante*, vítima e instrumento do farsante ultraje.

“Fiat Lux” é a ordem suprema de religiosos (e ficcionistas): O início é a “luz”. Assim, se educa, vive e crê. Outra fé ou discernir impele as consciências para o limbo. No centro, o monismo do verbo oculta, manipula e corrompe qualquer ação antagônica. Cria neologismos atendendo interesses, ideologia, doutrina, plataformas de disfarces de poder totalitário para a eugenia mercantil e política, antinatural. Contudo, há esperanças, pois para haver luz é necessário Matéria, Energia, Tempo e Espaço.

Assim se aprende, crê e repete que “*Sustentabilidade*”, “*Agrobusiness*” e “*Solidariedade*” e

¹ Não confunda que isto não é lobby, autorizado para profissionais em países industriais, mas vedado aos políticos.

“Silvicultura” são luzes surgidas durante a Rodada Uruguai (1986-1994), do GATT. Isto foi alardeado e adotado após a “queda do muro” impondo a Nova Ordem Internacional de liberalismo econômico, subordinando a agricultura (e economia) aos interesses bancários corporativos. Do Acordo Multilateral de Inversões há mínimas lembranças.

Para evitar que a maior escuridão comece posterior à alvorada, a meditação é memória:

- “Sustentabilidade” é anterior ao período Edo de 250 anos (1607 – 1867) da história japonesa, conforme Eisuke Ishikawa.

- “Agribusiness” é muito anterior à interpretação do sonho de José ou à Companhia das Índias Ocidentais e Orientais. Contudo, nasceu “academicamente” com Liebig em 1840 e foi organizada sua implantação no início do Século XX com a aplicação da Lei Anti-Truste contra John Davison Rockefeller Jr., pelo Congresso dos Estados Unidos da América, e não é o nome da agricultura no Século XXI.

- “Solidariedade”, da mesma forma, surgiu muito antes da construção de Ur ou Babilônia, quando alguém se preocupou com seu semelhante de fora de sua comunidade; consolidado por Buda, Cristo ou modernamente por Gandhi e milhões de milhões de anônimos, porém virtuosos. Agora, somos iludidos que esta virtude é “luz” desde Gdansk por ação papal; transformada em oportunidade mercantil de Terceiro Setor, com o mesmo estilo e resultado dos “chás beneficentes das vovós” ; inclusão digna através de mercado.

- “Silvicultura” não é plantar eucaliptos ou outras espécies para abastecimento de fábricas. Ela é uma ideia de recomposição de paisagem contemporânea aos Jardins de Babilônia e Reinado de Ashoka.

Os quatro termos acima são encontrados como base do livro “*O Complexo Agroindustrial Brasileiro: Agribusiness*”, do presidente da “Agrocere”, Ney Bittencourt

de Araújo, (*requiescant in limbo*), presidente da Associação Brasileira de Agribusiness, publicado à época. Foi a “luz” da nova ordem do Banco Mundial à sua própria escuridão anterior e necessidade de nova matéria, origem, energia e espaço, sem tempo para reflexão.

Na alvorada, o que foi a Agrocere? Uma empresa de tecnologia genética, criada por professores da Escola de Agronomia e Veterinária de Viçosa (Minas Gerais) com sementes de milho sequestradas dos agricultores, por ordem da American International Association, do Rockefeller Brothers Fund e Fundação Rockefeller, proprietária da mesma e fonte ideológica do ensino, pesquisa e extensão para o saber rural desde que com valor mercantil.

No obituário da Columbia College Today http://www.college.columbia.edu/cct_archive/jan06/obituaries.php, consulta feita em 16 de março de 2009:

John “Jack” Ware, retired engineer and chemist, Westport, Conn., on August 9, 2005. A Manhattan native, Ware was Columbia’s Glee Club manager and a two-time All-American water polo player. He received a master’s from SEAS in 1927 and was selected for Tau Beta Pi, engineering academic honorary. Ware was an engineer and chemist, culminating — as a result of two of his U.S. patents — in the Ware Chemical Corp., ultimately acquired by Kraft-Dart. He was recognized by the American ambassador and others for his contribution to Brazilian agriculture as co-founder of the then-public company, Agrocere, funded pro bono by the Rockefeller Foundation and General Mills.

Hoje, as teses acadêmicas sobre *agroecologia*, *silvicultura* e *extensão* rural registram, para erudição servil, emolduradas por citas de Bobbio e Gramsci, mas omitem os resultados dessa luz e sua obra. Agora, a denúncia (acadêmi-

ca) se satisfaz em ser plataforma do ocorrido como rabo de cometa (luz caudatária). Não percebem que continuam induzidos, manipulados preparando o “novo” *ad perpetum*.

Para entender o *agribusiness do eucalipto* é necessário focar: O Brasil desenvolveu-se de forma similar às colônias manufatureiras, disponível e subordinado ao ultramar por sua natureza e riquezas minerais. Sua estrutura socioeconômica, mesmo depois da independência, continuou patrimonialista, manipulada e induzida pela escala de valores do poder mercantil de além-mar.

Dia a dia isto se aperfeiçoou através de educação, ciência, tecnologia e cultura subordinadas, além de fatores de impacto psicossocial embutidos em propaganda, políticas públicas e alienação cívica. É impossível entender o que é *agribusiness* sem saber quem foi e o que fez John Greefing, da *American Internacional Association*, professor e diretor da Escola de Agronomia de Viçosa, que junto com John Jack Ware criaram a Agroceres e como o Rockefeller Brothers Fund se apropriou das estruturas de ciência, tecnologia, ensino, pesquisas tanto na agricultura como na saúde de quase todos os países do mundo para construção de seu modelo de eugenia totalitária, truncando até mesmo o valor do esporte no congraçamento humano (Jogos Olímpicos da Era moderna).

Medidas de “*inteligência*” (manipulação e indução psicossocial) manejadas em unísono por transnacionais, bancos e organismos multilaterais não é algo recente.

No planeta, na virada do século XX, tivemos realçado o confronto da urbanização entre campo e cidade que tanto interessava à oligarquia e indústria, cumprindo dogmas e liturgias de eugenia para a construção do Estado Mundial.

Entre nós isto pode ser visto superficialmente com os estereótipos do “Jeca Tatu”, “caipiras”, “matutos”, “botocudos”, “tabaréus”, “colonos” antíteses criadas para ridicularizar a ignorância, atraso, miséria, pobreza e, principalmente, o arraigo à escuridão (valores antigos), de

forma que ficassem submersos na onda do modernismo totalitário.

Para mudar totalmente o campo, os “insumos” foram trazidos e apresentados pelo ensino, pesquisa e extensão como um instrumento, tecnológico, científico, político, social, econômico, cultural e revolucionário. Coube aos meios de informação e comunicação manipular e induzir seu monismo, selecionando os públicos conforme o interesse do mercado, sem preocupação com os riscos, perigos ou impactos culturais, econômicos sociais e ambientais advindos de seus usos.

Este “*estudo*” esbarra na situação de não poder usar o passado como referencial (ou marco teórico) para sobrepujar as manipulações, induções e outras carências da memória e honestidade coletivas. Recorre à insurgência em seu fim rebelde!

A dificuldade aumenta quando vemos que a grande maioria da elite tem comportamento dogmático por vaidade, ignorância, corrupção ou crença genuína em seu “*know how*” (saber fazer, mas sem se importar com o quê, e para quem o faz).

O professor diz, cientificamente: *o eucalipto melhora o solo e ambiente por promover o surgimento de formigas, Cyldromyrmex brasiliensis (Cerapachyinae)*. Será alienação ou vício de formação?

Para ultrapassar estas dificuldades vamos tomar o exemplo das formigas, fora do contexto do eucalipto no Rio Grande do Sul ou da fábula de Esopo (*La Fontaine*), e seu combate com formicidas.

No Brasil, os venenos mais antigos e utilizados para matar formigas, no Século XIX e XX foram o *bissulfeto de carbono (formicida Tatu)*, *BHC (pó-de-gafanhoto)*, *Aldrin*, *Dieldrin*, *Heptacloro*, *Dodecacloro* e *Sulfuramida*. Por isso, “cachimbar formiga” é nossa herança cultural, que ainda

perdura, com a conotação de perda de tempo, entretanto, altísimamente lucrativa para meia-dúzia de empresas e para os que agora querem cachimbar o eucalipto e usar Roundup...

A quase totalidade dos estudos realizada foi sobre a eficiência do controle com estes produtos, mas em abril de 2001 foi lançado o livro: *Relaciones Químicas entre organismos: "Aspectos Básicos y Perspectivas de su Aplicación"*, coordenados por Ana Luisa Anaya, Francisco Javier Espinosa-García e Rocío Cruz Ortega, da Editora Plaza y Valdez Editores, que aborda a herbivoria, onde se concluiu que formigas saúvas (e também outras pragas) atacam uma plantação ou vegetação porque detectam desequilíbrios metabólicos nas mesmas e sua função biológica é atuar como agentes evolutivos para manter a harmonia entre os seres, impedindo que o ser desequilibrado perca energia, pois depois de atacadas pelas saúvas, as plantas podem recuperar-se em pouco tempo, e até superar as não-atacadas. Motivo que levaria à adoção prioritária de uma postura antagônica aos formicidas; mas não é isso que ocorre, por razões corruptas. Causa impacto o utilitarismo e manipulação industrial nas denominações "Defesas Químicas", "Teoria das Aparências", "Teoria de Defesa Ótima", "Herbivoria", e agora, na Silvicultura Empresarial.

De que adiantaram os milhões de toneladas de formicidas e agrotóxicos utilizados nos últimos 150 anos em direção e sentido errado, combatendo as formigas, quando o correto seria fazer o inverso. Contudo, a ciência, tecnologia, governo, economia e corrupção se nutriram desta situação, muito bem manipulados pelo poder, quando a *intelectualidade modernista* lançou o adágio metafórico: "Ou o Brasil acaba com a formiga ou a formiga acaba com o Brasil".

A concentração de formigas no Brasil chega a oito milhões de indivíduos por hectare, mas entre 1920 e 1980 a quase totalidade de bolsas de estudos expedidas no mundo eram para estimular o mercado de agrotóxicos, fertilizantes, máquinas agrícolas, monocultivos, sistemas de concentração

da terra e correlatos. É por isso que as teses acadêmicas dão a agroecologia e extensão rural como fato consumado?

Nos últimos cinquenta anos, a indústria química gastou milhões de dólares para ocultar a luz (ciência) de Francis Chaboussou (Trofobiose), uma forma anterior a herbivoria, combatida, pois deixava de controlar o inseto e passava a eliminar as condições que o faziam atacar as plantas (eliminar as causas e não corrigir efeitos).

Hoje, contudo, as mesmas empresas investem aceleradamente em herbivoria para comprovar o comprovado. É que as empresas, agora às voltas com a biotecnologia, caçam genes reguladores do metabolismo secundário das plantas para suas novas criações e serviços, na forma de sementes patenteadas, insumos da biotecnologia.

O triste é que, a partir da publicação do livro sobre herbivoria os cientistas, professores e técnicos especializados transformam-se em inúteis. A vaidade e submissão impedem que o sistema fique desnudo através da manipulação, indução e propaganda. Não se preocupem, a partir de 1980, as quase totalidades das bolsas de estudos expedidas no mundo foram para a nova matriz tecnológica da biotecnologia e seus correlatos, e anteriores já estão descartados, pois na periferia não se acumula saber e assim é medido o crescimento científico e tecnológico.

Isto fica evidente quando, recentemente, foi descoberta a “terra preta dos índios” na Amazônia. Especulase que em função das saúvas (e pragas) os nativos tenham desenvolvido um solo agrícola de altíssima qualidade para não necessitar preocupar-se em combater as referidas “pragas”. O dramático é que quem descobriu a “terra preta” foram antropólogos estrangeiros (Cornell University) e não os edafólogos nacionais, o que comprova nosso enfoque e permite voltar ao início.

Os ciclos econômicos nacionais, cana-de-açúcar, café, algodão, soja, laranja, atraíram interesses industriais e

financeiros que modernizaram a agricultura brasileira em sua forma de Ensino, Pesquisa e Extensão.

Entender este “*três em um*” criado para, de forma sistemática e estrutural, atender o reino, depois o mercantilismo europeu, e, por último, sistematizado pelo poder industrial norte-americano, através da petroquímica ancorada em indústria sanitário-farmacêutica e agrícola. Nela, os agrotóxicos, fertilizantes, máquinas, petróleo e sementes (*incluindo as de eucaliptos*) são pontas de lança de uma reestruturação de toda a sociedade, transformando-se nos principais segmentos de investimento.

Contrariar o fluxo de interesses sempre foi arriscado.

Napoleão desafiou o império estabelecido. Ingratos e vassalos veneram a “chegada do Vice-Rei” e “Abertura dos Portos”, pela possibilidade de vender açúcar de cana-de-açúcar que o Império comercializava como droga, e não ensinar a refletir que a alternativa napoleônica desenvolveu o açúcar de beterraba, transformando, desde então, aquela monocultura tropical em excrescência escravista (Cuba, México, Haiti, EUA, Brasil e Índia), hoje “bóia-fria” (assalariado rural migrante). Sim, nós somos medíocres, não sabemos economia e o açúcar de beterraba é a maior comodidade industrial dos séculos XIX, XX e XXI.

Napoleão também necessitava de nitrato para a fabricação de pólvora para seus canhões, granadas e fuzis, mas desconhecemos que ele não tinha acesso às minas de Salitre no Chile, Bengala ou Rússia, bloqueadas pelo Império Britânico. Seus canhões, que não eram poucos, funcionavam com pólvora obtida de fermentação de esterco bovino usado como matéria-prima para alimentar e multiplicar micróbios em 1790, no final do Século XVIII. Como papagaios, bem tropicais e coloridos, repetimos que o futuro são as biotecnologias e os *biocombustíveis* com a mesma mentalidade escravista da época da chegada do Vice-Rei fujão.

O importante permanece em nosso inconsciente como naquela época. Depois do leite materno todos os seres vivos necessitam comer alimentos e estes somente podem ser produzidos através de carbono polimerizado pelo Sol, direta ou indiretamente, e esta é a tarefa mais estratégica para a sobrevivência da humanidade, contudo, o *neoconceito* de fome da FAO/ONU/BM e suas políticas pariram o *agrobusiness*, quando o trinômio se transformou em OMC.

O eucalipto foi imposto na América Latina pela mão de Lamberto Golfari e outros que, em nome e ação da FAO, UNIDO, BANCO MUNDIAL, GATT, com dinheiro público dos cidadãos, construíram uma economia industrial para o império financeiro do Grupo Rockefeller e Coroa Inglesa, sobre o que antes era Natureza, literalmente queimando florestas patrimoniais, nossa História Natural.

A melhor forma de perceber a falsa “natureza” é “ver” os amplos e crescentes espaços nos supermercados com comida para cães e gatos e outros animais de estimação. Mas os que não têm dinheiro morrem de fome ou sede.

Vejamos o caso da água. A água vendida pode causar contrariedade temporal ou ideológica, mas saber que toda a água do mundo é comercializada por apenas duas empresas deixa de ser um absurdo absoluto e nos permite entender o que é fome no sentido de não ter o que comer (*inedia* em latim ou *starvation no inglês antigo*), diferente de *não ter dinheiro para comprar o que comer* (hambre ou hunger), ambos, bem usado pela estrutura da Rockefeller University y adotada pelos organismos multilaterais e imposta pelo Banco Mundial aos governos periféricos. Isso foi e ainda é escondido pela propaganda e interesses mercantis, sendo necessário saber de onde surge isto para entender esta etapa onde a agricultura se transforma em *agronegócios*. Devemos ir ao petróleo, mas antes saber o que é a natureza.

A natureza é a matriz artesanal-manufatureira e tem seu espaço e importância através dos tempos, mas para

entender o *agronegócios do eucalipto* se necessita fixar três pontos de apoios (simples) e um alerta:

O primeiro ponto de apoio é o espaço. A necessidade tornou a humanidade nômade², assim ela deambulou mais de sessenta mil anos, pois não tinha seu espaço próprio na natureza, já que esta borrava os impactos de sua passagem. Como nômade não teve a necessidade maior de um espaço em sua evolução, mas como os demais seres vivos, se alimentaram na natureza.

A humanidade começou a conquistar seu espaço quando decifrou o enigma do clima, ao descobrir que ele é um ciclo de estações (primavera, verão, outono e inverno), coisa que uma criança aprende nas primeiras classes da escola fundamental.

Decifrado o enigma do clima, optou por permanecer sobre a terra e modificar a natureza para consolidar sua presença; na suposição de ter um espaço. Sedentário, necessitou de um calendário para precisão e garantia da segurança alimentar e, sobrevivência. A agricultura é a primeira construção do espaço próprio da humanidade no espaço natureza, onde a energia contida no Carbono é transformada pelo Sol em alimentos e utensílios.

Sobre a terra, a humanidade acelerou o ritmo e seleção dos minerais extraídos em sua dieta e a cada geração aumentou a ruptura entre a rocha mãe do solo, sua fertilidade e alimento domesticado, com repercussão e involução da natureza e suas vidas, mas isso é diminuído pela atividade do microcosmo.

O fogo foi e ainda é (considerando sua transformação industrial) o mais efetivo instrumento para abrir “espaço humano” na natureza, tanto na agricultura quanto na indústria. Entretanto, ambos os espaços são retomados pela natureza na

² Ainda hoje há povos nômades na Europa (Lapões), Ásia, África, Austrália e América.

ausência do homem, até mesmo nas milenares civilizações cheias de monumentos.

Deixando de ser nômade iniciamos a mudança de nossa dieta e nos transformamos em comedores de sementes. Semente é a maior quantidade de energia contida na menor quantidade de matéria que pode ser transformada pelos seres vivos com eficiência biológica.

O sedentarismo agrícola obrigaria à domesticação de animais e plantas e isso trouxe, progressivamente, transformações na diversidade mineral e diversidade biológica no solo, pela maior extração seletiva feita por animais e plantas. Todavia, as sementes vegetais e animais, a cada geração, mais se identificam com seu habitat, criando uma identidade que é transferida aos consumidores que aproveitam íntegro e benéficamente a eficiência energética, fortalecendo seus sistemas imunológicos. Realçando o de Friedrich Engels (Dialética da Natureza): É a natureza que abre um espaço dentro da humanidade e outros seres, se transformando em sua membrana interior ou sistema imunológico tanto mais fortalecido quanto maior sua identidade.

Entretanto, a ruptura de reposição mineral e manejo da matéria orgânica cíclicas causaram danos progressivos com a substituição das sementes nativas, com identidade, pelas sementes comerciais vindas de ultramar ou da industrialização moderna.

O lento e contínuo debilitar repercute sobre a vida, economia e evolução. No indivíduo, a ruptura do vigor das sementes fragiliza o sistema imunológico e faz surgir inflamações, com novas alergias e enfermidades degenerativas. O cultivo de sementes descontextualizadas do meio ambiente camponês provoca reações no *metabolismo* e *autopoiese* de animais e humanos, com a reação das células e o disparo do *ácido araquidônico*, (*icosanoides*, *prostaglandinas*, *tromboxanos*, *leucotrienos* e *sistemas enzimáticos COX- 1, COX- 2, NF- κ B* e outros do sistema

imunológico que permitem o desenvolvimento das doenças modernas: gastrite, obesidade, hipertensão, Alzheimer, úlceras, diabetes, asma, tiroides, retocolites, enfarte, artrite, uveíte, Parkinson, Crefeldt-Jakob e outras, com destaque ao eucalipto industrial.

Em física, a fixação de uma placa necessita de três apoios simples, um simples e um duplo ou um triplo. De nada adianta conhecer somente um.

O segundo *ponto de apoio* diz respeito ao próprio tempo. Todas as formas de energia estão intimamente ligadas ao Sol, inclusive a dos seres-vivos, incluindo os microrganismos, que dele retiram e transformam, através do *metabolismo* e *autopoiese*, em seus alimentos e energia. Não se pode esquecer que o fogo é um subproduto do Sol. Sem Sol a vida não seria possível. Ele é nossa única referência de energia e manutenção da vida.

A descoberta e posterior utilização do fogo permitem à humanidade *alterar* a *Roda do Tempo* no planeta. Seu domínio inicia a independência da natureza por meio da alteração nas transformações de energia e, como consequência, o humano é o único ser vivo capaz de destruir seu habitat. Entretanto, como os outros seres vivos, só conseguem se alimentar da natureza, submetendo-se ao *Tempo Natureza "Tn"*. Ao início, toda a riqueza saía inexoravelmente da natureza, não só o se alimentar. Com as transformações do fogo a humanidade progridiu nas transformações e cada vez mais criou novos tipos de tempos que devem ser conhecidos desde a "roda do Sol", com seus movimentos, redes e ciclos (Em um solo, mesmo trezentos anos depois de desaparecida a cobertura original, os microrganismos continuam fieis a sua origem...).

A humanidade, para trabalhar, inventou máquinas e uma das mais antigas é a "roda". Sua invenção tem mais de seis mil anos e foi o grande avanço para a civilização, pois permitiu conquistar mais território, trabalhar maior espaço e

transportar seus produtos, alimentos e instrumentos com maior rapidez.

Vivemos em uma sociedade de tempo e espaço, onde a distância percorrida em um tempo é ($d = e.t$) e a velocidade é a razão entre o espaço e o tempo gasto ($v=e/t$); O trabalho é medido fisicamente através do produto da distância pela força gasta para realizá-lo ($T=e.f$).

Repetimos, há algo estranho, pois houve civilizações que conheciam a roda, os brinquedos de suas crianças usavam rodas, mas não a utilizavam em suas atividades. Eram civilizações que possuíam uma agricultura complexa, fascinante e sofisticada que deu lugar à cultura e ciências avançadas, enigmáticas, em nossos dias (os maias inventaram o zero e os incas tinham conhecimento sobre o DNA). Talvez vissem a roda como energia dissociável, prejudicial à sociedade, cultura e poder. A roda distancia, debilita e dissocia as relações em uma comunidade? A pergunta visa uma maior reflexão, pois em quéchua se desconhece a palavra "fome" com o sentido político do termo para a FAO e organismos multilaterais que a projetam para 2030.

Os guaranis empregavam a "*coyvara*", uso do fogo queimando a selva como manejo da natureza para criar espaço de agricultura; é um outro tipo de roda no tempo, com um ciclo completo - *horologia* - superior a cinquenta anos, até voltar ao lugar inicial. – Nas terras tupi-guaranis, principalmente na bacia amazônica, os solos geologicamente são muito oxidados, pobres em matéria orgânica e minerais (Oxysolos). Contudo, nas áreas próximas aos conglomerados indígenas os arqueólogos encontram a famosa "*terra preta dos índios*", solo construído há mais de cinco mil anos, por meio do manejo do Carvão Vegetal, adubos verdes, minerais, cerâmicas moídas, argilas e microrganismos. Não é atrevimento dizer que esta obra é tão fantástica quanto uma pirâmide ou construção de um calendário. Entretanto, ficou ignorada por mais de 500 anos... Este "ciclo" guarani é uma

Banda de Moebius, que não permite que a riqueza acumule, desperdice, ou seja levada para longe.

Uma queimada anual ou bianual na cobertura do solo não é *coyvara*, pois seu tempo é agrícola "Ta" e também as consequências.

Sequer aprendemos a conhecer a roda do tempo de influência das fases lunares sobre os produtos da natureza e agricultura, mas damos muito valor aos fusos horários a partir de Greenwich para facilitar o comércio. A agricultura industrial usa uma roda do tempo para o acúmulo de riqueza e poder; nela a tecnologia é um instrumento de comodidade para maior rentabilidade e aceleração dos ciclos. Quais são as consequências de se acelerar os ciclos?

O tempo do eucalipto é um tempo industrial³ que nada tem a ver com o tempo da floresta que é um tempo natural. Mas a corrupção e servilismo utilizam o serviço pago à mídia para fazer seus negócios. Por isso, a expansão do eucalipto se deu com a ditadura e autoritarismo neste país, onde se estuda fruticultura (maçã, laranjas) como reflorestamento.

Não é de estranhar o que ocorreu em Silveira Martins/RS, durante um Seminário organizado pelo Secretário Municipal, Sr. José Itaquí. Um doutor-professor universitário foi repellido ao referir-se à vegetação regional como "macega inútil de pouco crescimento". Ele, inconscientemente, via eucalipto para todo lado espaço e tempo, mas não teve coragem de defender-se da afirmação ridícula.

Para aclarar isso devemos responder à pergunta "o que é o tempo?" O tempo de Newton é parte da estrutura fundamental do universo, uma dimensão em que os eventos ocorrem em ordem e podem ser medidos através de uma

³ Ele é parte da Indústria de Alimentos (ver definição de Food Industry na wikipedia), que deseja a subordinação integral da agricultura e transformação dos agricultores em assalariados rurais sem vínculo com a terra ou natureza.

unidade fundamental (isto é, não podem ser definidos nos termos de outras quantidades como velocidade, força e energia, definida nos termos deles). Logo, o tempo é o registro do movimento.

Na natureza, o tempo molda os seres vivos à sua energia natural ao longo dos 3,8 bilhões de anos de *evolução biológica* sobre a superfície do Planeta, se a consideramos autóctone e muito mais se a consideramos alienígena.

A agricultura é um espaço de tempo na natureza com menos de dez mil anos e por mais industrializada que seja por máquinas, produtos, tecnologia e ciência, não consegue sua independência do “*Tn*”, pois sua função é produzir alimentos cujo desenvolvimento está, como dizíamos, ligados ao Sol.

Os agricultores, em seu “Tempo Agrícola” (*Ta*), desde o início levam os produtos obtidos uma extração geográfica, biológica e social da natureza transformada pelo trabalho, sem alterar o tempo ou ritmo da mesma. Em outras palavras, o tempo da natureza e o tempo camponês são quase idênticos, com pequenas alterações, antecipações ou retardos.

Dentro da cronologia da evolução da vida, podemos considerar que o surgimento da Sociedade Industrial é um lapso bem curto, quase um “flash” para o planeta, mas ela já tem seu “Tempo Industrial” (*Ti*) e a cada dia imprime maior velocidade à roda para se livrar mais e mais do “*Tn*”.

Seu êxito traz alguns problemas, pois a comparação entre os produtos naturais, industriais e agrícolas jamais poderia ser calculada com uma mesma norma, regra ou tabela de custos, em função dos tempos respectivos; como tudo isto ocorre amiúde na periferia do mundo.

Por um lado, o tempo industrial não leva em consideração o tempo natural para a formação do petróleo ou carvão mineral (de 70 a 400 milhões de anos), desconsiderando estes tempos na determinação de seus preços econômicos ou grau de utilização. Se fôssemos comparar com

o preço da lenha cultivada ou recolhida na mata, em função da caloria contida em ambas, deveríamos, obrigatoriamente incluir em seu preço o “*Tn*”.

O custo de um produto industrial como a margarina, uma invenção provocada por Napoleão, através de um concurso, em função de não poder alterar o “*Ta*” para produzir manteiga para os oficiais no “*front*”, é uma mistura de insumos: gorduras, azeites vegetais e aditivos químicos, para ser um sucedâneo da manteiga, mas para aumentar sua produção basta obter mais insumos e energia. A produção de manteiga é determinada pela vida da vaca, que necessita de um período de tempo natural para chegar à puberdade (o normal são 2,5 anos), uma “monta” e período de prenhez (nove meses). Depois de parir, a vaca tem um período de lactação de aproximadamente seis meses. Logo, a produção de manteiga está inexoravelmente contida pelo “*Tn*” com algumas influências e introduções de tempos agrícolas “*Ta*”.

Assim, como a margarina pode ser elaborada com matérias primas produzidas por agricultores, seu tempo não necessita levar em conta o *tempo do agricultor*, pois isto não é limitante para sua produção como o é para o agricultor a produção da manteiga, pois, ainda que este tenha recursos para investir, terá que cumprir os prazos do tempo da natureza.

Muitos governos, percebendo a migração de riquezas da atividade rural para a industrial em função da alta rentabilidade do “*Ti*”, criaram mecanismos de proteção⁴ ou equiparação de valores, mal chamado de subsídios para restabelecer o poder aquisitivo dos agricultores.

Por menos que desejem os banqueiros e financistas é impossível ignorar que uma variedade nova de vegetal ou raça animal deveria considerar as centenas e até milhares de anos para sua obtenção ou criação no “Tempo natureza”. O dogma

⁴ No Uruguai, durante muitos anos foi proibida a venda e consumo de margarina.

da nova Ordem Mundial impõe ignorar este mecanismo. A economia não leva isso em consideração e os acordos entre os poderosos permitem que uma empresa adicione um gene ao genoma de planta ou animal, onde há mais de 33.000 genes, e considere seu “Tempo industrial”, quando o correto seria poder se apropriar somente de 1/33.000avos de determinada variedade ou raça animal.

Isto foi feito através de taxas aduaneiras até a Segunda Guerra Mundial e depois foi relaxado através de diferentes rodadas do GATT em interesse das grandes corporações transnacionais, em acordos bilaterais na construção do Estado Mundial de Rockefeller (e Igreja).

A margarina está para o eucalipto, assim como a manteiga está para o mogno.

Contudo, com a realidade da globalização da OMC, os valores do “*Tn*” e “*Ta*” necessitam competir mais além das fronteiras regionais para maior acúmulo de riqueza e rentabilidade do capital. Mas, a economia não procede assim. Então todos os caminhos levam a Doha no Qatar⁵, para a reunião da *Organização Mundial do Comércio, onde manda a OCDE* e os países periféricos cumprem os interesses das grandes corporações. Assim, quando alguém, nos dez últimos anos propõe conhecer o tema “Saúde do Solo” ou discutir *Sementes Transgênicas*, é necessária a condição prévia de conhecer as histórias da: Quinina, 1600; Índigo, 1865; Coca, 1875; Borracha, 1890?

- Na cidade de Quina no Peru, onde houve o encontro entre Bolívar e San Martín depois da batalha de Ayacucho, também é famosa, pois do seu nome deriva o quinina usado para curar a malária trazido pelos conquistadores. O quinina

⁵ Depois da criação da OMC, os assuntos de taxas alfandegárias da agricultura ficaram por ser reorganizados na Rodada de Doha, Qatar. São tratados para diminuir o poder do Estado Nacional em favor das empresas da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico, OECD por sua sigla em inglês, onde as grandes Transnacionais forjam o rito, liturgia e doutrina mercantil.

foi levado ao mundo, não como uma dádiva. Por exemplo, na Índia, somente era administrada aos indianos cordados e negada àqueles rebeldes à dominação britânica.

- Na Índia se cultivava o índigo em mais de cinco milhões de hectares, com comércio monopólico britânico. A descoberta das “anilinas” de Hoffmann deslocou mais de 100 milhões de pessoas...

- O roubo da Coca do Altiplano e seu cultivo em Java, colônia holandesa onde rendia mais do dobro de alcaloide, criando o comércio internacional de Cocaína pelos batavos com apoio da Coroa até a Segunda Guerra Mundial.

- O roubo da Borracha da Amazônia pelos ingleses destruiu a economia regional brasileira, com milhões de excluídos. Mas com a ocupação japonesa na Segunda Guerra, os seringais brasileiros foram restabelecidos por pressão dos Aliados. Este é o tempo do poder central.

É inconsciente, em nossa formação que o conhecimento da quinina e os outros foram acumulados ao longo de milhares de anos pelas populações locais. Sem ela e sua estrutura de saber local não seria possível aos grandes naturalistas (*von Humboldt*, Darwin, *von Martius*) decifrar este conhecimento e ciência de seu uso para o combate à malária exótica, introduzida pelo invasor. Quem detinha este saber era a igreja, que jamais reconheceu o saber, conhecimento aos autóctones e construiu sua submissão (ver as Ordens Filipinas). Hoje isto continua assim na “intelectual” academia periférica, laica, mas subordinada mais e mais ao dogma do capital.

Agora, o "quinina natural" é coisa da natureza e seu princípio ativo é passado, o que interessa são os genes responsáveis por ela. É mais rentável! A conquista agora se realiza no campo molecular, pois a malária crescerá com a Mudança *Climática* (Protocolo de Kyoto e seguintes com mais moral), mas a responsabilidade do *Roundup* no buraco na *Camada de Ozônio* (Protocolo de Montreal) não tem

interesse de impedi-lo. Isto é porque a mudança de matriz energética ou tecnológica é um engano sutil e peça de propaganda.

É possível Saúde do Solo com eucalipto nos “Ti”s, sem respeitar os “Tn”s? Este é passo que as transnacionais propõem, através da certificação de alimentos orgânicos.

O terceiro *ponto* é a figura da “gota de água” que cai sobre a superfície líquida em repouso, rompe a tensão e inércia, provoca a formação de ondas (movimento) concêntricas que se expandem por toda a superfície. Elas perdem força ao distanciar do local original da queda (epicentro), pois a massa de água reage à mudança de seu estado inercial.

Isto muito além da cinemática de fluídos, serve, em uma sociedade, para se entender a relação entre *centro - periferia no tempo - espaço*. - Quando no epicentro da queda da gota (energia), o movimento é máximo, nada ainda ocorreu nas margens ou bordas da superfície do líquido em repouso, mas depois de algum tempo, quando as ondas chegam às margens, o repouso já retornou ao centro. Dependendo da intensidade das ondas que chegam à margem, pode haver ondas em contra fluxo e se inverte a situação, pois ela será máxima na margem, naquele momento, mas inexistirá no centro.

Nas sociedades hegemônicas as decisões tomadas próximas aos centros são mais rapidamente difundidas e com menores reações do que nas áreas mais periféricas e isto é utilizado pelo poder central de forma inteligente, com intensidade e impactos dependentes de aspectos religiosos, políticos, econômicos, culturais e comportamentais. Estes são induzidos, conduzidos, informados, inibidos, impedidos no interesse do poder no *tempo - espaço* de sua necessidade. As análises acadêmicas, políticas ou sociais desde a periferia consolidam a doutrina, ideologia, saber (ensino, pesquisa e extensão) para o Centro.

É por isso que em Edafologia (pedologia) o nome de Julius Hensel e seu livro “Pães de Pedra”, escrito faz mais de 115 anos sobre a eficiência das “farinhas de rochas” e o conceito “Saúde do Solo” são desconhecidos pela *razão técnica* dos professores de fertilizantes químicos, solos, edafologia⁶ e silvicultura, segmentos correlatos nas escolas especializadas... Entretanto, as “farinhas de rochas” no “centro” nunca foram questionadas e agora são a mais moderna alternativa pós-industrial para a sustentabilidade, sem haver ocorrido qualquer mudança. A mudança de paradigma só ocorre no centro, não na periferia.

Na década de 70, após a guerra árabe-israelense, o milagre brasileiro transformou-se em pesadelo mundial, pois EUA, Alemanha e Japão tinham grossa fatia da sua riqueza extraída da economia brasileira. Este país havia abandonado a matriz energética de extrativismo de biomassa (lenha e carvão vegetal) e importava gigantescamente petróleo. É interessante que no desespero de encontrar alternativas foi trazida, entre outras, por interesses industriais estrangeiros os biodigestores, para gerar energia na área rural. A Extensão Rural entrou em campo, com apresentações por toda parte da nova panaceia energética. Os bancos ofereceram crédito para sua construção e funcionamento. O que era coisa anteriormente de chineses comunistas e indianos miseráveis passou a ser a solução energética.

Com estes biodigestores surgiu a ideia de utilizar o resíduo da produção de metano, que é o biofertilizante.

O biofertilizante de biodigestor tem ação biológica, mas ela é pobre em função do tipo de agricultura industrial imposta pela revolução verde. Foi melhorado o processo e por primeira vez no RS foram elaborados os biofertilizantes

⁶ A Microbiologia do Solo é a parte da edafologia dedicada ao estudo dos microrganismos do solo, suas funções intrínsecas (crescimento microbiano) e atividades extrínsecas (do meio ambiente). Seus componentes básicos são água, minerais, gases e a matéria orgânica no solo. O solo, hoje é um ecossistema vivo e possui cinco características: movimento, respiração, geração de calor, digestão e evolução.

enriquecidos com minerais para alto desempenho. Isto foi feito de forma sistemática, com base científica de ponta, buscando antecipar a matriz da biotecnologia, queimando etapas e preparando os agricultores em todos os níveis para se aproximar ao centro, quando surgissem os biofertilizantes das indústrias transnacionais de agrotóxicos, que somente chegariam dentro de vinte e cinco anos.

Muito foi feito e com bons resultados, contudo a tecnologia não foi apropriada pelo ensino, pesquisa e extensão. Não é permitido aproximar-se do centro de forma independente, devemos ser sempre periferia. Agora, os biofertilizantes das grandes corporações chegam ao preço de trinta dólares o litro e os agricultores, que sabem fazê-lo, preferem a comodidade de comprá-lo, em situação idêntica às fraldas descartáveis e muitas outras.

Vivemos o momento em que a energia da gota traz à margem a “certificação de produtos orgânicos”, “eucalipto” ou “*agroecologia*”, há o compromisso de alertar para que, na transição, não se misturem modismos, servidão e arabescos.

O debate só é possível onde há honestidade de propósitos e conceitos. Da mesma forma que fizemos com o petróleo, consideremos o "Tn" e "Ta" para saber o verdadeiro valor dos genes de uma semente domesticada ou natural com mais de oito mil anos e dali o valor de uma nova introdução no "Ti", que também pode ser chamado de "T_s". Os novos conquistadores do Estado Mundial de nosso tempo apontam suas caravelas para esse novo mundo capaz de gerar grandes riquezas, e, como os conquistadores do passado, invasores e piratas na atualidade invadem as praias e tomam posse em nome de Deus e da Rainha.

Infelizmente, não aprendemos a perceber a importância de avaliar antecipadamente o "impacto da gota" *no centro*, e reagir no tempo e espaço para resolver os problemas das ondas para o interesse de todos *na periferia*;

entretanto, o contrário ocorre... É perceptível a sutileza no caso da farinha de rocha?

Fixada a placa, o alerta inicia com o fato histórico que passa despercebido por razões religiosas hegemônicas, que é o de *Martín Lutero* haver traduzido a *Bíblia Sagrada* do latim (central). O grande salto da humanidade não é ter um livro. Nem a máquina revolucionária de *Gutenberg* para fabricá-lo como manufatura, pois o principal era que todos soubessem ler.

De nada adiantaria a tradução, nem uma produção de livros se poucos lessem. "*Ensinar tudo a todos*", foi o lema extremamente perigoso e revolucionário. Algum tempo depois, o poder reagiu e estratificou o sistema de educação alemão (*Gymnasium*, *Realschule* e *Hauptschule*), aonde somente os do *Gimnasium* vão à universidade. Os outros são preparados para o trabalho e artesanatos respectivamente, e não podem ascender por meio da educação, restabelecendo o processo eugênico mercantilista.

Na avaliação escolar dos filhos de camponeses, não havia uma alternativa especial, somente as anteriores e isto confirma a pretensão da Sociedade Industrial e sua ideologia. Enquanto não saibamos ler antecipadamente seus cenários, continuaremos submissos, ignorantes e corruptíveis, enquanto eles constroem tijolo a tijolo a *Novo Ordo Seculorum*.

O alerta se atualiza em impedir que a nova linguagem da propaganda e televisão se transforme em “roda” ou linhas de montagem. As desejamos como Bandas de Moebius: Se renovam, por dentro e por fora e não permitem que se distanciem os valores de interesse da sociedade (e camponeses). Nela, o eucalipto não é problema.

É possível interpretar que as civilizações pré-colombianas, com o uso da roda, podiam aumentar a devastação da natureza e população, tornarem-se dependentes de uma agricultura e sociedade hegemônica distante, criando

novas relações de dependência política e climática indesejável.

Estas dissociações em cadeia destroem os alicerces da cultura. Ou seja, um impacto benéfico no imediato, mas catastrófico em longo prazo. Estas observações contêm a sabedoria que vai muito além do conhecimento e se soubéssemos a diferença entre uma e outra, poderíamos perguntar: Por que razão a mídia nos tira a capacidade de pensar, discernir e reagir?

Isto foi truncado pela sociedade industrial a partir de 1820, com o Barão Justus von Liebig e intensificou-se dia a dia desde então, sobre a agricultura, silvicultura e vida.

Em 1820, procurando descobrir os segredos da fertilidade do solo, o jovem barão alemão *Justus von Liebig*, filho de um importante comerciante de drogas, corantes e pigmentos naturais para telas, couros e tintas, aprofundou seus estudos sobre o húmus. Tornou-se o maior estudioso do húmus na Alemanha, o que pode ser visto na carta que ele enviou ao Primeiro ministro britânico Robert Peel sobre a perda de matéria orgânica, base da fertilidade do solo inglês, com o modelo de agricultura adotado, sem sua gestão e reciclagem da matéria orgânica.

Sua inquietude científica estava em que os produtos da agricultura desconsiderando a água, e reduzida a sua massa seca a cinzas, tinham um conteúdo constante, fossem produzidos em um solo rico ou pobre em húmus, e isso demonstrava a pouca importância do húmus para a produção da agricultura. Aplicando estas mesmas cinzas encontradas nos produtos aos solos cultivados, pôde perceber que isto incrementava a produção e produtividade de forma linear. Sua interpretação foi que a fertilidade estava mais dependente dos sais que do conteúdo de húmus do solo. O cientista deixou de

pesquisar o húmus como responsável pela fertilidade e passou a investigar os sais com tal finalidade⁷.

Como filho de empresário-industrial, ele sabia que os sais poderiam se transformar em um fator de produtividade para a agricultura, economia e riqueza particular, ainda mais quando a química nascia como a tecnologia industrial do futuro, através da síntese química que ia substituir os produtos naturais, normalmente provenientes de além-mar e em mãos de potências estrangeiras.

Por sua origem nobre e tino empresarial podia perceber que as vantagens dos sintéticos estavam na exclusividade da produção através de patentes; produção infinita independente da natureza e superioridade tecnológica, ademais do retorno garantido das inversões econômicas.

Liebig foi mais fundo na investigação dos alimentos e com sucesso produziu por primeira vez um substituto do leite materno. Liebig é o inventor do leite em pó, que Henrich Nestlé *patenteou*.

Depois da Segunda Guerra Mundial o leite em pó Nestlé invadiu todos os lares da periferia do mundo, onde existia um bebê lactante. A política da empresa era distribuir grátis a primeira lata nos postos de Puericultura ou salões paroquiais das Igrejas Cristãs, onde médicos e irmãs de caridade o recomendavam como de valor superior ao leite materno.

Não havia controle sobre esta propaganda falsa e abjeta, nem era refreado este tipo de ação. É de imaginar-se o desespero e sacrifício dos mais pobres para conseguir o dinheiro para comprar o leite em pó, substituindo o primeiro alimento natural humano, por um alimento estéril feito com

⁷ Sua teoria foi aproveitada por ele, empresários e militares para a venda de fertilizantes, durante toda a hegemonia da química como matriz tecnológica e econômica através da agronomia induzida.

leite de vaca, servindo para destruir o sistema imunológico das crianças e todas suas conseqüências.

Entre médicos, cientistas, professores e autoridades de Saúde não era permitido criticar o leite em pó, produto tecnológico de alta qualidade, pois ele recolhia uma grossa alíquota como imposto industrial.

Tampouco era relacionado o altíssimo índice de mortalidade infantil em função das diarreias estivais em todos os países periféricos, pois não se correlacionava o uso do leite em pó com a má qualidade da água com o qual era preparada a mamadeira dos bebês. Para a economia era ótimo, pois o tratamento das diarreias obrigava o uso de antibióticos e novamente a economia crescia.

Somente quarenta anos depois, após uma campanha internacional é que a propaganda da Nestlé começou a receber algumas críticas e, inclusive, se instalou nas Nações Unidas (Resolução WHA34.22) um comitê internacional para impedir os abusos das empresas, pois os governos são coniventes e cúmplices de seus interesses. A questão era tão escandalosa que a atriz sueca Liv Ullmann, ao fazer apologia ao aleitamento materno, amamentou uma criança nas periferias de Manilha, nas Filipinas e terminou presa por ação do ditador Ferdinando Marcos.

O dramático é que ainda hoje não temos consciência que a diferença entre o leite materno e o leite em pó é dinheiro necessário para sua aquisição. Assim é a sociedade industrial; no centro não há noção de necessidades criadas e na periferia (população e governo), não há cultura para diferenciar valor e preço.

A ideologia e visão para a criação e patenteamento dos fertilizantes para a agricultura e leite em pó para os bebês não foi de benemerência ou humanidade, mas para ganhar dinheiro.

O nobre *von* Liebig inventou e patenteou a carne cozida em conserva, que pôs fim ao monopólio mundial e negócio milionário do charque dos ingleses.

Sobre as margens do rio Uruguai construiu um frigorífico, metade na margem Argentina (Gualeguaychu) e metade na margem uruguaia (Fray Bentos). Vendia os ossos moídos como Farinha de Ossos para fazer fertilizantes ou alimento animal. Também fazia sua mistura com minerais alemães ricos em Potássio e assim surgiu o primeiro *Phoska* (em alemão Phosphorus e Kali) que é conhecido como P-K para a batatinha, como marca registrada. Do sucesso obtido passou a agregar Nitrogênio e obteve uma nova marca como: NitroPhosKa, que a partir de então o mundo conhece como o anagrama NPK base da agricultura industrial.

Seus negócios cresciam como um complexo: Leite em pó, carne em conserva, fertilizantes, pigmentos e integravam o monopólio que consolidava no Estado Nacional Industrial mais próspero.

Em 1870 o estado alemão entrava na guerra contra a França pelas reservas de Carvão e Ferro da Alsácia – Lorena, pois necessitavam garantir energia e matéria-prima para sua industrialização. Nesta guerra apresentaram pela primeira vez “projétil” ou “balas industriais” pré-fabricadas e galenas de comunicação. O interessante é que a matéria-prima militar saía das fábricas do barão Liebig.

Uma fábrica civil que podia se transformar em militar era garantia sem custos extras para a sociedade e devia ter muito mais poder por parte do governo e sociedade, assim toda a pólvora era obtida de modificações do *Nitrophoska* (Carvão, Enxofre e Nitrato de Potássio) e outros compostos químicos para explosivos complexos, de futuro civil e militar. Isto iria desencadear a GUERRA DO GUANO (1879 – 1981) entre Peru, Bolívia e Chile.

Os ingleses perceberam que os alemães com petróleo teriam vantagens e em pouco tempo dominariam a economia

financeira. Junto com holandeses e norte-americanos bloquearam o acesso alemão ao novo combustível.

Os alemães, ao não dispor de petróleo, combustível líquido autotransportável e de propriedade de empresas privadas, sabiam que presos às ferrovias e energia sólida do carvão mineral perderiam sua competitividade por depender do petróleo para desenvolver sua petroquímica. A saída era ir à guerra para ter acesso a petróleo.

Assim perderam a Primeira Guerra Mundial. O nobre *von Liebig*, já falecido (para alguns: suicídio), perdeu suas empresas que tiveram que indenizar aos vitoriosos (ingleses, franceses); por isso, a patente do leite em pó, o frigorífico Liebig em Fray Bento/Gualeyguaychú passou a se chamar ANGLO em 1920, com participação da coroa inglesa...⁸

Hoje, o médico, ex-guerrilheiro Tupamaros, Tabaré Vasquez, olvida a história e há a controvérsia com a outra margem do mesmo rio pela instalação inconsciente de fábricas de biocombustíveis de celulose, cujas plantações começaram na década de setenta com Shell e British Petroleum, manipulando e induzindo o uso de dinheiro público.

Não há melhor berço da crise que a Alemanha pós-Primeira Guerra Mundial, derrotada e endividada pelo Tratado de Versalles. A derrota arrasou o ânimo dos alemães, criando uma grande crise pelas dívidas impostas pelo armistício, mas uma crise maior surgiu na agricultura alemã. Os agricultores reclamavam de um lado que, ano trás ano aumentava a necessidade de aplicação de fertilizantes químicos solúveis para manter a produtividade e isso encarecia seus custos; de outro lado a qualidade dos alimentos produzidos tinha menor qualidade ano após ano. Mas nem uma nem outra observação era interesse das autoridades e

⁸ Em meados dos anos 70 o ditador Bordaberry o nacionalizou, pois estavam diminuindo os lucros da coroa...

governo, somente interessado em consumo de energia, maior arrecadação de impostos e taxas para garantir o crescimento econômico que permitiria pagar as dívidas.

As elites sempre devanearam com sociedades secretas, ocultismos, misticismos e ações metafísicas. Com o surgimento do modernismo estes comportamentos disseminam-se através da imprensa (*The coming Race*, 1871) para o grande público e ganhou as classes mais baixas e periféricas da sociedade. Nos momentos de crises os oportunistas estimulam e aproveitam deste desespero psicossocial para seus negócios (Illuminatis, Sociedade Vril; Sociedade Teosófica - Ana Blavatsky; Antroposófica - Rudolf Steiner; Sociedade Thule e muitas outras.)

Este é o pano de fundo da Sociedade Industrial, onde se é obrigado a tratar as causas e ignorar as origens dos problemas. A Sociedade Industrial determina controlar totalmente os valores de seus inimigos e isto necessita ser feito com sofisticação, através da propaganda e medo, para a coesão ao seu modelo e elite. Ela necessita impor padrões estéticos devido à natureza e arte de sua beleza e superioridade física, cultural que devem ser reverenciadas e seguidas, logo transformadas em ideologia.

Os Jogos Olímpicos, uma tradição perdida no tempo da Grécia antiga renasce com o modernismo industrial (Athenas 1896) sob forte influência deste ambiente industrial. As delegações são da elite de militares (filhos da nobreza) e jovens em convívio com o meio universitário. Os jogos modernos seguintes viriam a ter a participação da mulher graças ao Rockefeller Family Fund e Helena Rubinstein Fountadion, tendo a visão macroeconômica desta participação. Com o tempo surgiria a “evolução” dos esportistas profissionais, agentes de propaganda governamental e finalmente os mercenários de marcas e empresas, capazes de qualquer ato em função do dinheiro auferido.

A artimanha é criar mecanismos de eugenia através do modelo de sociedade adotado, para comprovar sua superioridade. Estes interesses eugênicos-totalitários servem para alienar e fanatizar a todos, com a vantagem de ser muito lucrativo.

A agricultura é parte prioritária deste modelo. Levada a todo o mundo como evolução, excelência, satisfação, alienação e lucro.

No Brasil, o primeiro cultivo a tornar-se “industrial”, depois da cana-de-açúcar, foi o café e sua parte mais rentável estava na comercialização em Londres, Nova Iorque e Rio de Janeiro respectivamente, onde se instalava o Instituto Brasileiro do Café.

Em 1860, a crise indiana e guerra civil norte-americana proporcionaram a instalação do algodão arbóreo (cultivo perene) na região semi-árida do Brasil, onde se transformou em um agente de desenvolvimento econômico e alto valor social. Até mesmo houve um embrião de industrialização através de Delmiro Gouveia, com vantagens competitivas internacionais, logo saneada pelo capitalismo inglês e finalmente sepultado como resposta da ditadura militar às Ligas Camponesas, substituído pelo cultivo do algodão herbáceo (cultivo anual) modernista e industrial, com sementes sob controle do governo do Estado de São Paulo e altíssimo consumo de agrotóxicos.

O cultivo do algodão industrial, instalado pelos imigrantes em São Paulo no início do Século XX, aproveitando os altos preços internacionais, expandiu em direção ao sul junto com o café.

As terras fronteiriças cobertas com densas florestas de araucárias eram cobiçadas pela proximidade da Primeira Guerra Mundial, que aumentava o valor da madeira. Disputada por políticos, empresários e estrangeiros transformou-se em área de conflito.

O primeiro valor estava na madeira de exportação, mas uma vez desflorestadas eram consideradas devolutas e foram lentamente ocupadas por colonos expulsos do Rio Grande do Sul, trabalhadores das serrarias e caboclos aventureiros de São Paulo, para sua subsistência.

Agentes ingleses haviam recebido estas terras situadas ao longo da ferrovia que eles construíam, como parte de pagamento no contrato de construção da ferrovia entre o Paraná e Rio Grande do Sul.

Esta ocupação trazia grande prejuízo para os interesses britânicos. Não se sabe se manobras manipuladas e induzidas pela inteligência britânica, ou por ação messiânica, fez um grupo de monges fanáticos e místicos deflagarem a denominada Guerra do Contestado (1912-1916). A região foi pacificada pelo exército nacional, garantindo os negócios futuros dos ingleses. E isto foi muito lucrativo para os interesses de colonização holando-britânica, para expansão do café, algodão e principalmente a monocultura de grãos. É inconsciente que a monocultura impõe uma infra-estrutura densa e gigantesca por parte do Estado, com vantagens privadas.

Depois da crise de 30 a cafeeicultura, carro chefe da economia brasileira, foi também induzida e manipulada no mesmo modelo da “banana” de Rockefeller e áreas ocupadas ao longo das ferrovias.

A tecnologia agrícola lentamente abandonou a influência e ideologia europeia (francesa) na pesquisa e ensino e passa a seguir o modelo industrial de Liebig/Rockefeller.

O conservadorismo dos políticos de Minas Gerais, preocupados com o crescimento vertiginoso do “poder” do café e modernização da agricultura sulista, através do presidente Arthur Bernardes, iniciou a aceleração do crescimento industrial e criou em sua cidade natal, Viçosa, a Escola Superior de Agricultura, com apoio dos EUA para a

modernização da agricultura, seguindo o modelo norte-americano e incorporado no “Plano de Metas” de Juscelino Kubitschek, de prioritário interesse do RBF.

Eles trouxeram professores e cientistas norte-americanos, fundaram as Universidades de Viçosa e Lavras, logo conquistadas para o modelo de “agribusiness”. Não é casual que os cursos de pós-graduação foram primeiro instalados em Viçosa e depois em todo o Brasil, moldando ensino e ciência rural e agrária em nosso país.

No Brasil, se aborda o MEC/USAID, mas isto nunca existiu como relação de estado; foi apenas um convênio entre a Fundação Rockefeller e o governo ditatorial-militar, que, preocupado com as ameaças internas dos movimentos de Reforma Agrária resolveu purgar das universidades professores e estudantes *não-monistas*.

A modernização científica passou pela criação de um novo modelo de pesquisas e um dos professores da pós-graduação, em Viçosa, George Edward Schuh, foi o principal artífice e orientador da “ideologia” da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – Embrapa, criada, primeiro, para separar o ensino e consciência científica existente nas Universidades e a elas agregados através dos Centros de Treinamentos Regionais, na estrutura anterior; segundo para substituir a ciência acadêmica pela tecnológica, com o viés de prestação de serviços aos interesses de grandes corporações, subordinando tecnologia ao mercado internacional.

Durante vinte e cinco anos a Embrapa consolidou uma ideologia monolítica, de tal forma que hoje, se arvora em ser democrática, ao mesmo tempo em que é apresentada, pelo Presidente da República “*como a maior empresa de pesquisa agrícola em áreas tropicais do mundo, resultado da revolução tecnológica brasileira*”.

A Embrapa tem Centros Nacionais para todo e qualquer cultivo existente, por existir ou estratégico, mas não pode ter um Centro Nacional de Pesquisas sobre Fumo

(tabaco), embora este seja um símbolo nas Armas da República, substituindo a cana-de-açúcar do escudo imperial e o rubro agrícola mais importante pela arrecadação de impostos e cadeia financeira. Lembremos que a pioneira Escola de Agronomia de Cruz das Almas, na Bahia, foi criada para atender os interesses do cultivo de fumo...

Não, a Embrapa não tem um “Centro Nacional de Fumo” e muito menos a Extensão Rural oficial (criada por Rockefeller) pode ter qualquer ingerência na política do fumo, pois isto é ação privativa das empresas do Tobacco Board, sob tutela da coroa inglesa, embora usufruam créditos subsidiados dos bancos oficiais brasileiros.

A parte mais importante do redesenho da agricultura além do ensino, pesquisa e extensão foi o abastecimento, totalmente alterado para o mesmo modelo.

Em cada capital metropolitana ou cidade mediana foram criadas as Centrais de Abastecimento, empresas públicas de interesse privado, onde ocorria a concentração da produção de monoculturas, tirando poder de organização dos agricultores, drenando suas riquezas em benefício da tecnologia, intermediários através de normas de classificação e padronização antes da distribuição dos alimentos.

Os “alimentos naturais” eram proibidos de sair do agricultor e ir direto ao mercado local. Eles tinham de passar por uma classificação e padronização “industrial”, viajar às centrais e depois voltar ao mesmo local para ser comercializado, em benefício da economia, concentrando os mesmos como matérias-primas controladas fora da agricultura.

Estas Centrais de Abastecimento S.A. (CEASAS) visavam o fortalecimento acelerado da indústria de alimentos, pois os transformava em matérias-primas nas mãos de agricultores. Além do mais, embutia os mesmos interesses da Rockefeller Brothers Fund e doutrina dos governos nos EUA.

Qualquer cidadão gaúcho que quisesse plantar árvores em sua propriedade rural, somente encontrava mudas de eucalipto, que eram distribuídas gratuitamente em todos os postos da Secretaria da Agricultura, Escritórios da Emater e rede de Cooperativas filiadas à Fecotrigo, FEARROZ e outras.

Não é estranho que tudo iniciou através da Extensão Rural montada por Rockefeller, priorizando a destruição do tempo natural ou tempo agrícola, substituindo-o pelo tempo financeiro, lentamente. Por isso, deram atenção à Economia Doméstica, nome dado à ação dentro da casa do agricultor, principalmente junto à esposa e família do mesmo, estimulando a economia familiar que nos EUA, em 1841, com o livro “A Treatise on Domestic Economy”, de Catherine Beecher passou a fazer parte da política educacional norte-americana, fortalecendo culturalmente o autoconsumo, fomentando higiene, saúde e poupança e isto ainda hoje é uma política pública, onde uma jovem na área rural norte-americana é obrigada a fazer todos os cursos na escola secundária antes de seu casamento.

No Brasil, esta ação estratégica foi transplantada de forma caricata para atender o modelo de Extensão Rural do grupo RBF. Os extensionistas trabalhavam em pares, formando um “casal”, pois a totalidade das Economistas Domésticas eram mulheres egressas dos cursos de economia doméstica, sem qualquer cultura rural e, como os engenheiros agrônomos, tinham a missão de levar a modernidade dos insumos para o crédito e consumo dos agricultores.

O curso pioneiro foi implantado em 1952, na Escola Superior de Ciências Domésticas, na Universidade Rural do Estado de Minas Gerais, em Viçosa, e depois na Escola Nacional de Agronomia no Rio de Janeiro e hoje pulula por todo o país.

Em qualquer comunidade rural a presença da “economista doméstica” seria estratégica como política

educacional, por razões de higiene corporal, saúde, educação alimentar, etc. Contudo, devemos recordar que sua ação visava quebrar a resistência cultural das comunidades ao modernismo e estímulo ao consumo dos produtos industriais. Em 1945, o tema da III Conferência Interamericana de Agricultura, realizada em Caracas teve como tema “A mulher e o fomento agrícola” e suas decisões foram impostas por toda a América Latina.

É difícil se extrapolar para a época, para entender o interesse no tema induzido e manipulado, mas hoje é fácil perceber que todos os agricultores modernos consomem alimentos industrializados, em sua grande maioria comprados em supermercados. Ou que há maior consumo de fraldas descartáveis nos assentamentos de Reforma Agrária brasileiros, que nos lares de classe C das cidades metropolitanas do país e este é o sucesso da Extensão Rural e Economia Doméstica no país.

Hoje, há menos consciência do valor do dinheiro e maior interesse no consumo de comodidade entre marginalizados e excluídos do campo e favelas, que ainda resistem com certa consciência à exclusão e marginalização. Este contra-sentido mostra a eficiência dos métodos desenvolvidos científica e politicamente nas Universidades de Chicago e Rockefeller.

Não podemos perder a dimensão que uma alimentação industrial na casa do agricultor é o maior passo alcançado nos EUA, onde a indústria de alimentos é a primeira indústria do país e razão para a farmacêutica ser a segunda.

As teses delineiam e debatem as estruturas criadas, quando deveriam projetar as que estão sendo elaboradas e devem ser bloqueadas, para evitar danos semelhantes, mas para isso é necessário saber com autonomia e capacidade de perceber quem está substituindo a escuridão por sua luz.

O processo denominado “Revolução Verde”, analisado por indução e manipulação de seus criadores, como um processo político e ideológico, nada mais foi que a destruição da organização local e substituição por um modelo de agricultura internacionalizada, espelhado na sociedade industrial hegemônica. Para fazê-lo no tempo-espaço dos investimentos era necessária a desestabilização dos mecanismos democráticos.

O Brasil agrícola tinha epicentro em São Paulo, com fronteira norte em Minas Gerais para baixo; quanto mais ao Sul, mais forte e estruturado socialmente. Uma das estruturas importantes eram os Moinhos Coloniais. Esta tradição cultural-climática permitia processar os grãos (principalmente trigo) por seu comércio e preço estatal/subsidiado. Ele simultaneamente garantia o farelo como ração para a suinocultura, que a sua vez ancorava o milho e mandioca que dava escala além da abóbora cozida ou lavagem.

Com o golpe militar mais de 2000 Moinhos Coloniais foram peremptoriamente fechados e proibidos de funcionarem e assim ficaram por mais de trinta anos. Era a ordem ideológica do grupo Rockefeller, proprietário da Purina (agora é Nestlé) em ação inicial.

O porco era do tipo banha. Ele foi substituído pela genética importada do porco tipo carne de cadeia produtiva, com rações, medicamentos e escala econômica industrial. Assim a banha deixou de concorrer com a soja nascente, com sua cadeia industrial sob controle internacional, base proteica para transformar em ração e garantir o alimento estratégico à economia europeia, japonesa e internacional.

Também as cooperativas de crédito, com mais de 100 anos de tradição foram imediatamente proibidas e colocadas na ilegalidade, pois o crédito passava a ser internacionalizado através do BM/FAO/GATT (e suas “rodadas”). As cooperativas de trigo, milho e feijão progressivamente passaram a dedicar-se à soja, pois isto era determinação

superior e tinha política prioritária; embora tivesse o preço fixado pela Bolsa de Chicago, a vantagem é que permitia grandes roubos e corrupção através de depósitos em divisas no exterior e manipulação de gigantescas quantidades de grão sem controle, pois os agricultores não possuem balanças.

Estas cooperativas de soja, através de sua federação FECOTRIGO, que na verdade se chamava de Federação das Cooperativas de Trigo, mas priorizava a prestação de serviços na soja, foram responsáveis pelos maiores escândalos na Agricultura e se transformaram em entrepostos de crédito, venenos e fertilizantes. Um tipo de autosserviço das gigantescas transnacionais que eram o poder no país através dos militares.

O processo de eliminação da tradição, cultura industrial e estrutura social econômica eram acelerados. As cantinas de vinho eram um forte embrião industrial do sul. As cantinas foram, através de créditos bancários, obrigadas a modernizarem-se no mesmo estilo da suinocultura. A lei obrigava a adoção de infraestrutura de alvenaria com ladrilhos brancos, pé direito, luminosidade etc.

O resultado desta política foi a concentração das cantinas e cooperativas vinícolas que eram mais de doze mil. Através da fiscalização, linha de crédito e inflação, o endividamento e “quebra” das pequenas acelerou a internacionalização do setor.

O detalhe é que os que faziam a transformação regrediram e passaram a comercializar a uva como matéria-prima aviltada para abastecer as grandes vinícolas subordinando-as às suas políticas.

Em trinta anos de totalitarismo de capital é imaginável o que se pode fazer em uma sociedade e quanto lucrativo isto pode ser para os que detêm o poder. Não sejamos ingênuos; tudo isto saiu do New Deal, consolidado em BM/FAO/OMS/ONU/GATT.

Os governantes periféricos cumprem os tempos financeiros dos seus mandantes. Eles dizem: ponham eucaliptos nas terras de Aptidão de Uso classe I, II, III e IV. Elas imediatamente passam a ser ocupadas com eucaliptos, pois este é o único investimento viabilizado e única política creditícia dos governos federal, estadual e municipal, pois as ordens do poder chegam pelo fio telefônico ou aprovação de projetos do Banco Mundial.

O eucalipto é estratégico, pois é o mais abundante polímero natural (celulose), sem qualquer valor, mas ele é diferente do outro polímero natural amido, que qualquer criança sabe fermentar para a produção de álcool. Para fermentar a celulose e transformar em combustível líquido só há uma empresa no mundo. Ela pertence ao grupo Rockefeller/Coroa Inglesa.

Os miseráveis brasileiros pagam a sequenciamento do genoma do eucalipto, mas ele pertence à RBF, Windsor House e outros. Por favor, leia os documentos:

ALELLYX APPLIED GENOMICS

Assunto: Liberação planejada no meio ambiente

EXTRATO PREVIO Nº 0645/06

Ementa: A Alellyx Applied Genomics solicita a CTNBio parecer técnico para liberação planejada no meio ambiente de eucalipto geneticamente modificado para melhor a qualidade da madeira do eucalipto. A proposta intitulada “Plantio controlado de eucalipto transformado geneticamente para a melhoria da qualidade da madeira” tem como objetivo avaliar, em condições de campo, a capacidade dos genes introduzidos em melhorar a qualidade da madeira do eucalipto. Os testes de campo serão realizados em unidades operativas localizadas em Luiz Antônio -SP, Fazenda Guataparã e em Altinópolis - SP, Fazenda Santa Luzia. Serão plantadas, em cada local, no máximo 9.500 plantas transgênicas e 4.500 plantas não

transgênicas, ocupando área de 11,1 ha. Nas duas localidades (Altinópolis e Luiz Antônio -SP) o número de plantas transgênicas a serem liberadas será de no máximo 15.000 plantas e não transgênicas 9.000 plantas, ocupando área de 22,2 ha. As áreas são de acesso restrito, com vigilância constante, incluindo torre de vigilância de incêndio com altura de 40 metros, de modo que só será permitida a entrada de pessoas autorizadas.

Companhia Suzano de Papel e Celulose

EXTRATO PRÉVIO Nº 0074/03

Assunto: Liberação Planejada no Meio Ambiente

Ementa: Solicita à CTNBio o Parecer Técnico Prévio Conclusivo sobre a Liberação Planejada no Meio Ambiente de eucalipto (*Eucalyptus spp*) linhagem derivada das espécies *Eucalyptus grandis* e híbridos das espécies *E. grandis* x *E. urophylla* (H530, G24, G628, H10, H442, H172, G28 e G22) modificado geneticamente para produção de árvores que produzam maior volume de madeira para avaliação de matéria prima para a produção de celulose. O eucalipto é uma planta originária da Austrália, Ilhas de Timor, Ilhas de Flores, Papua Nova Guiné, sendo por isso uma planta exótica e não há ocorrência de nenhuma espécie nativa no Brasil. A planta geneticamente modificada permitirá produzir um maior volume de celulose na madeira para extração e uma quantidade maior de biomassa. Esta característica é atribuída a inserção dos seguintes genes: *cbd* o qual foi isolado da bactéria não patogênica (*Clostridium cellulovorans*) e codifica proteínas de ligações a celulose (CBD) obtido da American Type Culture Collection (ATCC – Manassas VA, EUA); *Lhcb1*2* clonado da ervilha (*Pisum sativum*) e é responsável pela codificação de uma proteína do complexo coletor de luz (LHCII) nos cloroplasto; *cell* clonado de *Arabidopsis thaliana* que codifica a enzima endo-1,4-β-glucanase, EC 3.2.1.4); *uidA* de *E. coli* codifica a enzima β-Glucuronidase

Sim, os eucaliptos são geneticamente modificados e tem mais de 400 patentes em cada um deles, cujas *royalties* devem ser pagos para seus detentores. Logo terão genes Bt e CP4 para resistência ao herbicida Glyphosate (Roundup); é um negócio redondo no Tempo Financeiro. De Roundup que se utilizam 40 milhões de litros na Argentina e 20 milhões no Brasil, com o eucalipto serão mais de 80 milhões e 40 milhões respectivamente.

É acessível na webbsite o trabalho “científico” brasileiro⁹: “Glifosato e a resistência à ferrugem (*Puccinia psidii*) do eucalipto”, de Tuffi Santos e outros, publicado na Revista Planta Daninha vol.25 N°1 (doi: 10.1590/S0100-83582007000100015) Viçosa Ene./Mar. 2007. Para que comentários.

Hoje não podemos relacionar como fez o professor Rahe da Universidad Simon Frasier, Canadá (1995), que o Glyphosate destroi o sistema imunológico das plantas, bloqueando a formação de fitoalexinas no metabolismo secundário. Mas, isto é bom, pois obriga a usar mais fungicidas sistêmicos caros na soja e também no eucalipto. Faz desaparecer o agricultor e cria o empresário rural subordinado ao relógio industrial-financeiro, democraticamente.

Na internet há uma página com a apresentação do Dr. Tisuioshi Yamada no Inpotafos com os efeitos de Glyphosate nos cultivos de café, laranja, uvas e inclusive eucalipto com danos ao sistema radicular, sistema imunológico do solo e plantas.

O Extensionista oficial no RS apresenta o sucesso do eucalipto em Canguçu/RS município gaúcho com a maior concentração de minifúndios e o coloca onde antes eram pomares de pêssegos e ameixas. Seu companheiro é mais cretino; afirma que se pode compatibilizar o eucalipto e

⁹ Financiado pela empresa interessada, mas realizado com dinheiro público.

criação de ovelhas no mesmo espaço e tempo (e gota de água).

A situação é mais dramática quando o antigo dirigente da Cooperativa Ecológica Coolmeia se torna agente da expansão do eucalipto, através dos órgãos financeiros que fazem somente o contrato para o primeiro corte, enganando inescrupulosamente os agricultores, quanto ao pagamento do segundo e terceiro corte.

Quem não quer ver ideologia neste comportamento empresarial poderá ver a expulsão do latifúndio e migração de camponeses do norte do estado transformados em massa assalariada sem qualquer vínculo à terra.

O tempo financeiro não tem escrúpulos e pode “criar” e transformar uma pandemia em um bilhão de dólares. Nos últimos trinta dias o mundo do *eugenismo mercantil* ficou preocupado com a “gripe mexicana”, que logo passou à “gripe suína” e para não causar danos aos agronegócios foi denominada de gripe A - H1N1, quando já tinha espalhado terror e transformada em uma “*suposta*” pandemia que ameaça a humanidade, garantindo o “budget” do consórcio financeiro de Donald Rumsfeld.

A sociedade industrial é pródiga, o porco antigo, o transformou em suíno, palavra de etimologia estranha que não se suspeita com qual fim foi imposta na época. Hoje, não paira qualquer dúvida.

Sobre a gripe do porco, não é novidade, conta a história que um médico espanhol injetou a secreção nasal de seu filho gripado em um de seus “porcos” e este desenvolveu a famosa “Influenza” que matou sua família, mas o poupou, e dizimou aproximadamente 100 milhões de pessoas no planeta*. Consta, também, que ele foi condecorado pela Academia de Ciências Francesa. Será verdade?

* Histoire inconnue des hommes depuis 100.000 ans, Robert CHARROUX

A ciência na sociedade industrial é mais pródiga, pois seu combustível é dinheiro para servir ao mercado e realizar a Eugenia. Em sua fase atual de biotecnologia, há situações deveras interessantes: Através dos estudos modernos se sabe que a Influenza de 1918 não foi a responsável pelas mortes na “sua” pandemia, mas o famoso *Streptococcus pneumoniae* que se instalava sobre os pobres e miseráveis infectados pelo vírus. Qual será sua origem?

Um dia anterior ao anúncio da nova influenza, foi anunciado os trabalhos de embriologia do doutor-professor Andrés Carrasco, da Universidade de Buenos Aires sobre os danos provocados por quantidades 1/2.000avos inferiores às aplicadas do herbicida Glyphosate (Glifosato) pelos agricultores sobre a soja a ele resistente. Não houve comoção global, pois os meios de comunicação (NYT, CNN, e agências de notícia internacionais não permitem liberdade de informação). Até mesmo a reação local da imprensa argentina cumpriu o rito dos patrocinadores capitaneados por Syngenta, Bayer e Monsanto, contra a audácia do cientista argentino e sua equipe, que em outros tempos orgulhavam por nomes como os de Houssay, Leloir, Gallo e muitos outros.

Mas, é necessário esclarecer o vínculo da “influenza” com a embriologia e o Glyphosate?

Na sociedade industrial onde, repetimos, também a ciência é movida a dinheiro não há espaço para este tipo de devaneio, principalmente no meio “científico”. Há razões: o primeiro laboratório de biologia molecular foi aberto na universidade de Chicago, em 1947, por Leo Szilard e Aaron Novick, como investimento do Rockefeller Brothers Fund, interessados em criar, com a biologia no século XXI, o que no século XIX a indústria europeia havia feito com a física.

Como insurgentes, vejamos: Qualquer sojicultor com curso fundamental conhece o funcionamento do *Glyphosate* sobre a soja transgênica *Roundup Ready* devido à propaganda comercial da empresa *Monsanto* que a utiliza para venda e

fascinação sobre sua criatura. O referido herbicida atua inibindo a enzima 5 EnolPyruvylShikimico3 Phosphate Synthase (EPSPS). Esta enzima, segundo a Monsanto só existe em plantas e vegetais e tem como função de sintetizar o ácido shiquimico 3-Phosphate (S3P), estratégico para a síntese de aminoácidos aromáticos essenciais. Hoje, a ciência comprova a existência da enzima EPSPS na vastidão de outros seres vivos, até mesmo em animais como os cnidários.

O gene de resistência ao Glyphosate foi encontrada em uma “bactéria” metanogênica *Archaeas* (Song et al. 1994)¹⁰. *Archaeas* produzem metano anaeróbico sob estritas condições (Abendon: 1997) possivelmente como resultado de sua maior quantidade de lignina que a soja normal pela inserção do gene (até 20%). (Genetic Engineering Newsletter: 2001)¹¹

O acima exposto foi apresentado a um dos autores do documento de Seghers, em correspondência. Recebeu a recomendação de pesquisar no solo da soja RR cultivada. O mesmo cientista opinou que o alto conteúdo de lignina pode aumentar a diminuição das bactérias metanotróficas com liberação de metano.

Esta lignina faz a *resteva* da soja RR descompor mais lentamente, acumulando matéria orgânica de forte impacto sobre a fertilidade, microflora e fauna do solo, pois é conhecida a inibição pelo *Glyphosate* de crescimento de fungos lignolíticos e celulolíticos, com a consequente proliferação de crustáceos, insetos e nematoides entre outros.

¹⁰ Song J, Wurtele E S, and Nikolau B J. Molecular cloning and characterization of the cDNA coding for the biotin-containing subunit of 3-methylcrotonoyl-CoA carboxylase: identification of the biotin carboxylase and biotin-carrier domains. Department of Biochemistry and Biophysics, Iowa State University, Ames 50011. <http://www.pubmedcentral.nih.gov/picrender.fcgi?artid=44080&blobtype=pdf>

¹¹ Genetic Engineering Newsletter 2001: Genetic Engineering Newsletter - Special Issue 6 February 2001 <http://www.ogmdangers.org/intro/quoi/pleiotropique.htm>

O próprio resíduo de *Glyphosate* sobre a *resteva*, também inibe e diminui a ação dos fungos conforme os dados reconhecidos e publicados pela própria Monsanto, com os trabalhos científicos de E Grossbard & D. Atkinson, publicado em 1985 no livro “*The herbicide Glyphosate*”.

Voltando ao vínculo da embriologia do Glyphosate com a pandemia de H1N1. O trabalho científico¹² “Synergistic Inhibitor Binding to Streptococcus pneumoniae 5 EnolPyruvylShikimico3 Phosphate Synthase (EPSPS) with both monovalent Cations and Substrate”, de Wensheng Du, Wu-Schyong Liu, David Payne e Michael Doyle, (2000), por seu sumário:

O mecanismo sinérgico inibidor de ligação da enzima de substrato duplo *5-enolpyruvylshikimato-3-fosfato sintetase (EPSPS)* do *Streptococcus pneumoniae* foi investigado com uma estratégia de ligação termodinâmica, a qual envolve experimentos em ligação direta de um ligando através de uma escala de concentrações de um outro ligando. Os resultados mostram que a ligação do inibidor glifosato (GLP) é altamente sinérgica tanto com um substrato natural de *shikimato-3-fosfato (S3P)* quanto com cátions monovalentes em ativação. Foi determinado que a sinergia entre a ligação do GLP e do S3P é de 1600 vezes e qualitativamente está em concordância com trabalhos anteriores em EPSPS de *Escherichia coli*. Os quocientes molares de S3P e GLP foram medidos em 1.0 e 0.7 por EPSPS, respectivamente. No presente trabalho, demonstramos que os cátions monovalentes, anteriormente foram apresentados como estimulantes da atividade catalítica do EPSPS de *S. pneumoniae* e sua inibição por GLP, exibem uma ordem semelhante com respeito às medidas de sinergia de ligação do GLP (variando de 0 a 3.000 vezes no aumento de afinidade do GLP). A especificidade catiônica e as concentrações submilimolares onde estes efeitos ocorrem com mais

¹² pubs.acs.org/cgi-bin/jtext?bichaw/39/i33/abs/bi000890v. Em 11 de maio de 2009.

frequência sugerem a presença de um sítio específico regulador da ligação no cátion. Estes resultados auxiliarão a guiar o desenvolvimento racional de novos antibióticos que tenham por alvo enzimas bacterianas EPSPS.

Demonstra o interesse da ciência de utilizar inibidores presentes em microrganismos para a construção de novos produtos biotecnológicos, enquanto nossos doutos protetores de patrimônio propõem acordos de conduta para o zoneamento agroclimático do eucalipto, sem fazer um estudo hidrológico sobre o mesmo, à exemplo da África do Sul, único país que o realizou e está em nossa mesma latitude.

No trabalho científico acima, obviamente, não foi seu escopo determinar os efeitos e impactos dos resíduos de Glyphosate (GPS), presente em valores acima de 9 miligramas por quilograma de soja/milho Roundup Ready e consequências sobre os microrganismos da microflora intestinal de suínos ou aves e suas relações com bactérias ou cepas virais, como a gripe H1N1.

Como o glyphosate atua inibindo a enzima 5EPSP3S, que também é um sinergizador da ação da *Str. Pneumoniae*, isto é bom ou ruim no tempo, espaço e ambiente dos microrganismos?

A ciência sabe que a contaminação por Glyphosate altera o Campo Eletromagnético dos alimentos, refeições, solo e ambiente, por isso já haver sido comprovado por físicos, russos, norte-americanos, argentinos e outros¹³. A pergunta é simples: Uma ração elaborada com soja transgênica contendo acima de 9 miligramas de resíduo do Glyphosate na alimentação do suíno tem seu campo eletromagnético alterado favorecendo a ação do H1N1?

¹³ www.linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S0021979703002078
www.scielo.org.ar/scielo.php?pid=S0365-03752005000200006&script=sci_arttext
http://www.inta.gov.ar/pergamino/info/prensa/2008/cal_agua_080114.htm

Por outra parte, o antiviral Fosfato de Olsetamivir (TAMIFLU) do consórcio de Donald Rumsfeld, nada mais é que anis estrela que têm alta concentração de ácido shikimico e impede a ação do sinergizador do Streptococcus (bloqueio viral...). Então o Olsetamivir funciona consertando o que o glyphosate (GPS) presente na ração, água e ambiente causa? Com a palavra os bioquímicos moleculares.

Os resíduos de glyphosate¹⁴ presente na ração, água e alimento inibem a síntese do ácido shikimico na flora intestinal e debilita o sistema imunológico e magnífica a "pandemia"?

A A/H1N1 em populações debilitadas, saindo do inverno, sem o alto consumo de pimentas, limão e com baixa insolação (vitamina D) como no México, causará uma catástrofe organizada em nome do lucro e *marketing*?

Não vamos ser pessimistas, alarmistas ou “*denuncistas*” como teme a mediocridade acadêmica e os defensores do meio ambiente, de ideologia industrial, segmento econômico de moda.

Sejamos insurgentes e voltemos nosso olhar para o amanhã na África, onde está em gestação uma REVOLUÇÃO VERDE com armas e instrumentos biotecnológicos.

O modelo de agricultura industrial teve sua ascensão após a Segunda Guerra Mundial e foi mantido artificialmente através do GATT durante a Guerra Fria. Seus resultados podem ser lidos nos exemplos significativos:

- No Paquistão, em 1969, um quilograma de ureia aplicado produzia onze quilos de arroz. Hoje, esta mesma ureia não produz três quilos do cereal pela destruição da saúde do solo.

¹⁴ O Fosfonato Glyphosate pertence à família do SARIN e VX, temíveis gases nervosos e tem metabólitos similares.

Nos últimos 200 anos a ciência se esmerou em comprovar as vantagens do uso de fertilizantes químicos sintéticos, especialmente os nitrogenados. Agora, perplexa a Universidade de Illinois¹⁵ comprova que a tecnologia dos fertilizantes solúveis sintéticos destroi o Carbono Orgânico do solo, diminui a colheita; impede o armazenamento da água e aumenta a concentração de gás carbônico na atmosfera acelerando o Efeito Estufa.

Agro-físicos russos vão muito além: Há destruição da microflora na rizosfera das plantas pelos campos eletromagnéticos de alta frequência formados por estas moléculas¹⁶ sintéticas, alterando seu Campo Eletromagnético com severos impactos.

Há estudos feitos em função do uso de Glyphosate nos cultivos transgênicos, onde se determina que este herbicida altera o Campo Eletromagnético do Solo. Também nos solos da Argentina há estudos pioneiros sobre estes efeitos físicos do Glyphosate. A alteração no campo eletromagnético é de suma gravidade e pode ser encontrado ainda em The Hidden Dangers of Roundup (www.naturalnews.com/025534.html)

No Paquistão, o povo Hunzas é mundialmente conhecido por sua longevidade e pelos(?) damascos. Estudos recente comprovam que a grande diversidade mineral das rochas alcalinas dissolvidas em sua água forma, com os silicatos e outros sais substâncias fortemente ionizadas,

¹⁵ "The Myth of Nitrogen Fertilization for Soil Carbon Sequestration" is published in the November/December 2007 issue of the Journal of Environmental Quality. Saeed Khan, Richard Mulvaney, Tim Ellsworth, and Charlie Boast. Their paper Study reveals that nitrogen fertilizers deplete soil organic carbon. www.physorg.com/news112900965.html

¹⁶ Effect of extremely high frequency electromagnetic fields on the microbiological community in rhizosphere of plants A.Á. Ratushnyak¹, I.G. Andreeva¹, I.V. Morozova¹, G.A. Morozov², and M.V. Trushin^{3,4} www.international-agrophysics.org/artykuly/international_agrophysics/IntAgr_2008_22_1_71.pdf

campos eletromagnéticos excelentes para a saúde, que dota as pessoas a uma predisposição aos exercícios físicos.

Isto também é conhecido na região de Vilcabamba, no Equador, com a mesma longevidade entre humanos e animais, o que vem sendo estudada por especialistas em qualidade de vida e explorada do ponto de vista turístico.

- A devastação da natureza, contaminação ambiental e expulsão de camponeses são flagelos mundiais e genocídio cultural.

Agora, a prioridade e interesse internacional chegam à África, onde, silenciosamente, organizam sua “Revolução Verde”, transferindo monoculturas, mecanização agrícola, uso de agrotóxicos e fertilizantes e adoção de infra-estruturas centralizadas e prestação de serviços de ensino, pesquisa e extensão.

Na África, a Fundação e o Rockefeller Brothers Fund; ex-Secretário Geral das Nações Unidas, Kofi Anan, Fundação Bill e Melinda Gates e todas as corporações financeiras e industriais começam a aplicar os programas desenvolvidos a partir do início da Rodada Uruguai em 1986.

Nós gozamos a liberdade, comemos e temos a democracia que nossos rendimentos permitem. Isto é a eugenia mercantil.

O eucalipto entrou na crise especulativa financeira e o governo, imediatamente injetou o dinheiro perdido na especulação do dólar (Grupos Aracruz e Votorantin), aquisição pelo Banco do Brasil de parte do Banco Votorantin, da mesma forma como antes havia destinado recursos da SUDENE e BNDES para a fábrica do Glyphosate, em Camaçari.

Na Segunda Guerra fortunas foram feitas com o contrabando de pneus através do rio Uruguai; agora a mesma ideologia e comportamento. Agora, querem que as fronteiras sejam abolidas e as bacias integradas, com rios sistematizados: Hidrovias, com dinheiro público, para atender

o transporte privado de madeira, que não pode pagar pedágios criados pela OMC.

Vemos o *sandinista* Daniel Ortega; a *montonera* Cristina Kirchner; o *tupamaro* Vásquez; *sindicalista* Lula, o *indígena* Morales; os *internacionalistas* Chávez y Correa; o “inepto” Felipe Calderón; o *religioso* Lugo; o *dirigente da Frente Farabundo Martí*, Mauricio Funes chegarem ao governo através de eleições, para serem escudeiros do Banco Mundial, OMC e Organismos Multilaterales, onde o entusiasmado “afro” Obama é a cereja do bolo?

Em uníssono, todos, constroem o interesse imposto pelo poder (espelhado no Admirável Mundo Novo de Aldous Huxley ou “1984” de George Orwell) para construção do Estado Mundial Totalitário e Eugenista de Rockefeller, como o *violinista canhoto*¹⁷.

¹⁷ Toma o instrumento com a esquerda e toca com a direita.